

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões – para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou afins.

Neste volume, Fabiane Borsato cruza leituras de João Cabral de Melo Neto e de Michael Ende para pensar a compreensão do tempo (ou de vários tempos: natural, humano, social...), questionando experiências como o *stress*, o tédio, a velocidade, o progresso, no contexto violento de um capitalismo que confunde temporalidade com produção e vida com trabalho; propondo o *close reading* de poemas de Miguel- Manso e Patrícia Lino (que coincidem no uso da expressão «coração antigo»), António Pedro Marques questiona a poesia «de amor», suas esperanças e desilusões, e ainda o imaginário do coração, a vivência da casa, o recurso à música, como possibilidade(s) de salvar (ou não) o mundo; por fim, Gisela Rebelo de Faria parte de ideias como o *habitar* (Martin Heidegger), o *político* (Jacques Rancière), mas também o *performativo* (Erika Fischer-Lichte), para pensar o espaço público nas cidades, a experiência da colectividade e o papel da Arte Pública «como um meio de ativar e perpetuar a reflexão e a ação no espaço urbano – para o mundo».

Pedro Eiras